



XIII ENCONTRO CATARINENSE DE ARQUIVOS

DA GESTÃO AO
PATRIMÔNIO
DOCUMENTAL

ASSOCIAÇÃO DE ARQUIVISTAS
DO ESTADO DE SANTA CATARINA

XIII ENCONTRO CATARINENSE DE ARQUIVOS

“Arquivos: da gestão ao patrimônio documental”

ASSOCIAÇÃO DE ARQUIVISTAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA
(Org.)

XIII ENCONTRO CATARINENSE DE ARQUIVOS

“Arquivos: da gestão ao patrimônio documental”

FLORIANÓPOLIS
2018

© 2018 A reprodução desse livro na íntegra ou em parte é permitida, desde que citados os créditos.
Proibida a venda.

Comissão Organizadora

Leolíbia Luana Linden
Luiza Morgana Klueger Souza
Camila Schwinden Lehmkuhl
Amanda Herzmann Vieira
Fernanda Frasson Martendal
Renata Ventura

Comissão Científica

Camila Schwinden Lehmkuhl
Débora Flores
Eliandro da Costa
Eva Cristina Leite da Silva
Francisco Cougo Junior
Graziela Martins de Medeiros
Sonali Molin Bedin
Suéllem Chrystina Leal da Silva

Coordenação Editorial: Luiza Morgana Klueger Souza

Raffaela Dayane Afonso CRB 14/1155

E56a Encontro Catarinense de Arquivos (13. : 2017:
 Florianópolis,
 SC)
 Anais do XIII Encontro catarinense de arquivos: “da gestão
 ao patrimônio documental” / Organizado [por] Associação dos
 Arquivistas do Estado de Santa Catarina . – Florianópolis:
 Editora AAESC, 2018
 103 p. : il. Color

 ISBN: 978-85-60561-00-1

 1. Arquivologia. 2. Gestão documental. 3. Patrimônio
 Documental - Arquivos. I. Associação dos Arquivos do Estado
 de Santa Catarina

 CDU 025.171(816.4)

SUMÁRIO

5 Prefácio

7 Arquivologia Catarinense: breve histórico sobre seus elementos constitutivos

Archivology of Santa Catarina: summary historic on their constitutive elements

Camila Schwinden Lehmkuhl, Fernanda Frasson Martendal, Leolíbia Luana Linden, Luiza Morgana Klueger Souza, Renata Ventura

EIXO 1 - Gestão de Documentos

AXIS 1 - Records Management

26 Arquivometria: métricas para a gestão de documentos

Archivometrics: metrics for records management

Ana Paula Alves Soares, Adilson Luiz Pinto e Ezmir Dippe Elias

36 Arquivos Fotográficos Brasileiros: Preservação em Risco

Brazilian Photographic Archives: Preservation in danger

Raquel Oliveira Melo e Anna Carla Almeida Mariz

43 Erradicação da Infestação Biológica por Insetos Xilófagos no Arquivo Histórico de Joinville

Eradication of Biological Infestation by Xylophagous Insects in the Historical Archives of Joinville

Isabel Cristina Busko

52 Integração de elementos descritivos da ISDIAH e ISAAR (CPF) para a construção de instrumentos de pesquisa em arquivos

Integration of descriptive elements of ISDIAH and ISAAR (CPF) for the construction of finding aid in archives

Luciane Paula Vital, Leolíbia Luana Linden e Marisa Brascher

61 Preservação do patrimônio documental do município de Florianópolis: a digitalização como uma alternativa

Preservation of the documentary patrimony of the municipality of Florianópolis: digitalization as an alternative

Marcio Simas da Silva e Eliana Maria dos Santos Bahia

Eixo 2 - Patrimônio Documental

AXIS 2 - Documentary Patrimony

69 A obrigatoriedade da implantação de arquivos públicos municipais

The mandatory implementation of public municipal files

Gisele Silva Aguiar e Edna Bochi

78 Repositórios virtuais da legislação brasileira: o caso da educação indígena no Brasil e em Santa Catarina

Virtual repositories of Brazilian legislation: The case of indigenous education in Brazil and Santa Catarina

Jefferson Virgílio

Eixo 3 - Interdisciplinaridade e Arquivologia

AXIS 3 - Interdisciplinarity and Archivology

87 O Ensino de Arquivologia no Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação: uma reflexão atual

The Archivology teaching in the librarianship course and management of information units: a current reflection

Thayron Rangel, Railane Pereira e Antônio Victor Botão

97 ANEXOS: Fotos do XIII Encontro Catarinense de Arquivos

EIXO 1 - GESTÃO DE DOCUMENTOS

Axis 1 - Records Management

Arquivos Fotográficos Brasileiros: Preservação em Risco

Brazilian Photographic Archives: Preservation in danger

Raquel Oliveira Melo (1), Anna Carla Almeida Mariz (2)

(1) (2) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Av. Pasteur 458, Rio de Janeiro

(1) raqueloliveiramelos83@gmail.com (2) annacarla@unirio.br

Resumo: A função básica do arquivista é tornar disponíveis as informações contidas no acervo documental sob sua guarda. Entretanto, o acesso exige manuseio dos documentos que, a longo prazo, danifica o suporte e põe em risco a informação nele contida. Este estudo foi realizado com o objetivo de verificar o que deve ser considerado ao se realizar diagnósticos de acervos fotográficos de modo que seja possível elaborar e implantar políticas de preservação viáveis em arquivos fotográficos no Brasil. Além das características físico-químicas da fotografia, das condições climáticas do ambiente de guarda e do acondicionamento necessário para salvaguardar coleções fotográficas, analisamos também a influência da formação técnica do arquivista em seu desempenho profissional e consequente valorização da Arquivologia no mercado de trabalho e na academia. Para tanto, fizemos uma revisão bibliográfica sobre políticas de preservação de fotografias, um estudo histórico da fotografia e sua composição, e um levantamento junto à Executiva Nacional dos Estudantes de Arquivologia sobre a infraestrutura dos cursos de Arquivologia do Brasil para formação prática em conservação de arquivos.

Palavras-chave: Política de preservação. Conservação preventiva. Fotografia; Arquivologia. Arquivos Fotográficos. Formação profissional. Arquivista.

Abstract: The archivist's basic function is to make available the information contained in the archive under his custody. However, the access brings to the document manipulation that, in the long run, damages the image support and jeopardizes the information it contains. This study was carried out with the objective of verifying what should be considered when performing photographic collections diagnoses so that it becomes possible to elaborate and implement viable preservation policies in photographic archives in Brazil. In addition to the physico-chemical photograph characteristics, the climatic conditions of the guarding environment and the packing necessary to protect photographic collections, we also analyzed the influence of the archivist's technical training on his professional performance and the consequent valorization of Archivology in the labor market and the academy. For that, we did a bibliographical review on photographs preservation policies, a historical study of photography and its composition and a survey of the practical and theoretical conservation subjects offer in the curricular grades from baccalaureate courses Archivology at Brazil.

Keywords: Preservation policy. Preventive conservation. Photography. Archivology. Photographic archives. Professional qualification. Archivist.

1 Introdução

A história da fotografia começa por volta de 350 a.C, a partir de experimentos executadas por químicos e alquimistas, que observaram o fenômeno da produção de imagens pela passagem de luz através de um pequeno orifício. Em 1525, o escurecimento de alguns sais de prata sob a luz do sol já era fato observado e compreendido por químicos. Entretanto, a interrupção deste processo só foi descoberta 200 anos depois. E mais 100 anos foram necessários até Joseph Nicéphore Niépce registrar uma imagem em suporte de forma permanente, ele chamou este processo de heliografia (GARCIA, 2012). Desde então, o processo de captação de imagens evoluiu e se diversificou muito, mas a fotografia continua sendo mais sensível que a maioria dos documentos em papel (MUSTARDO, 2001), tornando a preservação um elemento muito importante na administração de qualquer arquivo fotográfico.

A fotografia pode registrar uma ação, objeto(s) ou pessoa(s), em um espaço de tempo determinado. Estes registros fotográficos configuram-se, dependendo do contexto de criação, em um documento arquivístico e, portanto, devem ser preservados. A partir da observação do ensino de conservação preventiva em universidades brasileiras, e ainda, experiências vivenciadas em projetos e visitas técnicas em diversas instituições públicas e privadas, surgiu o problema que motivou este estudo: como se dá a conservação de acervos fotográficos no Brasil?

Esse questionamento surge a partir da compreensão da necessidade do desenvolvimento de uma adequada implantação e gestão de políticas de conservação em arquivos fotográficos, e da prerrogativa que o arquivista deve possuir conhecimento técnico específico acerca da natureza do que irá tratar e como fazer, para ser capaz de desenvolver esta atividade. Kossoy (2001) afirma que a fotografia é constituída por

três integrantes, o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Estes três integrantes são fontes de informação que contextualizam a produção da fotografia e a perda de informação advinda de qualquer um destes três elementos pode modificar o valor de guarda da fotografia. Na Arquivologia, há muito interesse no conteúdo e no produtor. Mas tratando-se de fotografia, o suporte carrega em si muita informação e deve, portanto, ser preservado.

Várias são as fontes de deterioração dos diversos componentes dos objetos fotográficos. Temperatura, umidade, luz, poluentes e pragas são exemplos de agentes nocivos à fotografia (MOSCIARO, 2010). Mas não são os únicos. O próprio processo de revelação tradicional de fotografias (banhos) pode, se mal desempenhado, desencadear reações de deterioração do suporte e, conseqüentemente, perda da informação.

O objetivo do estudo é verificar o que deve ser considerado ao elaborar diagnósticos de acervos para implantação de políticas de preservação de arquivos fotográficos. Através da análise das especificidades do suporte fotográfico, levantamento de algumas reações físicas e químicas que podem ser evitadas e/ou desaceleradas para a preservação do suporte fotográfico e o exame da influência do acondicionamento e das condições ambientais na preservação de arquivos fotográficos. Destacando, com tudo, a necessidade de conhecimento técnico do arquivista.

Observando as grades curriculares dos cursos de graduação em Arquivologia do Brasil e a infraestrutura por eles oferecidas, observa-se que a conservação preventiva representa uma tímida parcela na formação dos arquivistas brasileiros. Muitos concluem o curso sem nunca ter passado por um laboratório prático de conservação ou ter tido contato com o material que compõe os documentos que futuramente terão a responsabilidade de preservar.

Este estudo justifica-se a partir da função básica do arquivista que é tornar disponíveis as informações contidas no acervo documental sob sua guarda. Beck (2006) defende que a preservação só faz sentido se vinculada ao acesso e, por isso, a necessidade de organização e custódia responsáveis. Entretanto, o acesso exige manuseio dos documentos que, a longo prazo, danifica o suporte e põe em risco a informação nele contida. Por isso, se faz necessário investir em conservação preventiva e criar meios que permitam que a informação seja acessada, protegendo o documento da ação do tempo e do homem. Somente conhecendo a composição e comportamento físico-químico de fotografias e negativos, o arquivista será capaz de criar e implementar políticas de conservação preventiva que atendam às particularidades do acervo de acordo com a natureza dos suportes nele presentes e das condições ambientais a que estão sujeito e,

principalmente, de acordo com os recursos que dispõe. O acesso deve, portanto, ser pensado desde a implantação de política de preservação do acervo.

De natureza aplicada, este trabalho pretende gerar conhecimento para a aplicação prática na solução dos problemas observados que motivaram a pesquisa. Foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica sobre as técnicas fotográficas, a composição de objetos fotográficos, as formas de deterioração e de preservação. Foi feita também uma pesquisa empírica com o objetivo de averiguar como as instituições de curso de bacharel em Arquivologia estão formando os profissionais para lidar com a conservação dos arquivos fotográficos. Para isso foi utilizado um questionário que foi respondido por um representante de cada um dos cursos de Arquivologia no país sobre o ensino de preservação.

2 A Fotografia

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, a fotografia é uma imagem produzida pela ação da luz sobre película coberta por emulsão fotossensível, revelada e fixada por meio de reagentes químicos. E, como a própria terminologia diz, a fotografia é resultado de ações químicas e físicas que irão determinar suas características. A compreensão delas, permite que o arquivista possa prever o comportamento da fotografia e tomar decisões mais assertivas. Conhecer as técnicas fotográficas existentes auxilia no correto diagnóstico sobre o estado de conservação delas. Teixeira (2012) as elencou:

- Daguerreótipo (1839 – 1865): o suporte era composto por cobre, com camada fina de prata polida, formando uma imagem bem definida, revelada com vapores de mercúrio. Como produzia uma única cópia, geralmente é encontrada emoldurada em estojo protegida com vidro, lacrada para não ter imperfeições e não oxidar.
- Calótipo ou Talbótipo (1841 – 1855): neste processo fotográfico o papel salgado era usado para produzir o negativo e, a partir deste, copiado por contato em outro papel salgado, criando assim a imagem positiva, possibilitando gerar várias cópias.
- Ambrótipo (1854 – 1870): este processo fotográfico empregava negativos de vidro de colódio e a imagem tornava-se positiva ao se colocar um fundo negro por trás da placa de vidro, preta. Sendo melhor para a conservação guardá-la em um estojo emoldurado, lacrado, com formatos variados, em conformidade com a fotografia. Nesse caso específico, o que oxida é o verniz e a deterioração origina-se na camada preta.
- Ferrótipo (1856 – 1890): o suporte era uma fina chapa de metal, pintada de preto e envernizada, que gerava uma imagem positiva em colódio e sais de prata de formatos variados.

- Placa de vidro à base de colódio úmido e sais de prata (1850 – 1900): suporte de vidro onde a placa era emulsionada com colódio e sais de prata, quando ainda úmido, era exposta e revelada. Comumente encontrados embrulhados em jornal, causando sujidades, mas esse ato também evitava que um vidro ficasse em contato com o outro, o que poderia causar deterioração.

- Fotografia albuminada (1847 – 1910): processo fotográfico feito com solução à base de albumina, cloreto de sódio e nitrato de prata, colocada sobre um papel muito fino. A partir de negativos em placa de colódio era feito o contato com este papel albuminado, gerando a imagem positiva. Sendo o suporte muito fino, era aderido em suporte mais espesso, com diferentes formatos e denominações.

- Estereoscopia: imagem observada pelo visor estereoscópio, onde duas imagens eram coladas lado a lado, dando uma ilusão tridimensional popularmente denominada “cineminha”, utilizando imagens sobre a natureza e arquitetura.

- Negativo de chapa e vidro em gelatina (1871 até hoje): essa técnica substituiu a do negativo de placa de vidro em colódio úmido, consolidando-se como técnica aperfeiçoada até a atualidade. Para a fotografia um passo importante, pois a gelatina se transforma no veículo de sustentação dos cristais de prata utilizados em papéis fotográficos e em filmes flexíveis.

Além das técnicas já mencionadas, nos acervos podem ser encontrados outros suportes com emulsões de gelatina; filmes em nitrato de celulose, embutirato, propianato, diacetato e triacetato de celulose; transparência positiva em gelatina, polaroide; papel fibra de gelatina e prata com revelação química; papel resinado de gelatina e prata com revelação química; filmes negativos e positivos coloridos com revelação cromogênica, branqueamento de corantes e difusão de corantes; fotografia colorida em papel com revelação química; etc. (TEIXEIRA, 2012). Sendo, portanto, vasto o conhecimento que o arquivista precisa ter para tratar acervos fotográficos. Pois, cada uma destas técnicas, exigem cuidados específicos para suas particularidades, e estes cuidados podem variar de região para região do Brasil devido às diferentes condições ambientais e disponibilidade de recursos.

A luz, a umidade e o calor são catalisadores das principais reações químicas, ou seja, diminuem a energia de ativação necessária para o desencadeamento e aumentam a velocidade da reação (FELTRE, 2005). E, sendo o Brasil um país tropical, este trio é uma grande ameaça aos acervos fotográficos brasileiros. Mas não a única. Os principais poluentes do ar no Brasil são oxidantes fotoquímicos de alto potencial Redox, ou seja, retiram elétrons das substâncias que atacam, reduzindo-as (BROWN, 2005). Este desgaste

na integridade do suporte, além de comprometer o conteúdo informacional da área deteriorada, abre uma janela facilitadora à entrada e propagação de agentes biológicos.

Tabela 1- Poluentes atmosféricos usualmente considerados no monitoramento da qualidade do ar

POLUENTE	SIGLA
Monóxido de carbono *	CO
Fumaça *	FMC
Partículas totais em suspensão *	PTS
Material particulado inalável inferior a 10 micrômetros *	MP ₁₀
Material particulado inalável inferior a 2,5 micrômetros	MP _{2,5}
Dióxido de enxofre *	SO ₂
Ozônio troposférico *	O ₃
Enxofre reduzido total	ERT
Hidrocarbonetos não metânicos, metano ou hidrocarbonetos totais	HC
Gás sulfídrico	H ₂ S
Chumbo	Pb
Benzeno, tolueno, etilbenzeno, meta, para e orto-xileno	BTEX
Amônia	NH ₃
Dióxido de Nitrogênio *	NO ₂

*Poluentes com padrões de qualidade do ar pela Resolução CONAMA 03/1990

Para evitar a deterioração de fotografias, é coerente que as medidas preventivas se adaptem à climatologia local visando economia de recursos e o sucesso na preservação da fotografia. Levando em consideração que os materiais necessários à conservação preventiva, restauração, acondicionamento adequado e climatização de acervos são muito caros e raramente as instituições têm condições e/ou vontade política para atender às demandas do arquivo, o estudo prévio das características físico-químicas do acervo e do ambiente é imprescindível para que o arquivista possa construir de forma consciente, econômica e sustentável sua política de preservação.

Conhecer o processo de revelação da fotografia também auxilia no diagnóstico de coleções fotográficas e na decisão das medidas a serem tomadas para a preservação das mesmas. Para Pavão (1997), cada forma de deterioração traduz os erros cometidos no seu museio, ou a falta de condições a que foram submetidos.

O processo tradicional de revelação (banhos) de fotografias se divide em cinco etapas químicas. A revelação, um processo alcalino; a interrupção, um processo ácido que interrompe a revelação e evita que a fotografia escureça por completo; a fixação, que retira os cristais de prata da emulsão através de um fixador evitando manchas; a lavagem, que retira o fixador da

emulsão, evitando a corrosão; e a secagem, que precisa ter seu tempo respeitado para garantir a não proliferação de fungos. E cada etapa do processo, se mal executado, deixa na fotografia um diferente potencial de deterioração que irá exigir uma medida específica de estabilização. E essa premissa também vale para outros tipos de revelação que incluem mais de uma etapa.

Alguns autores indicam erroneamente um mesmo tipo de invólucro para todas as fotografias, desconsiderando que o acondicionamento específico pode ser paliativo para cada dano. Num grupo de fotografias revelados num mesmo momento, podemos ter fotografias com suportes ácidos e alcalinos. O arquivista precisa ser capaz de identificar isso para tomar medidas assertivas quanto à política de preservação a ser aplicada.

3 Preservação

A preservação não deve ser encarada como a perpetuação do bem cultural, mas sim como uma forma de retardar seu inevitável processo de deterioração (MAST, 1995). A durabilidade do material sob custódia do arquivista moderno é assunto de maior interesse. Pois não é possível dar acesso à informação sem manter a integridade física do documento (SCHELLENBERG, 1974).

O pressuposto de que a preservação é componente indissociável do fazer e do pensar arquivístico deriva da ideia de que somente é possível classificar, avaliar, organizar, descrever, recuperar, disseminar e dar acesso à informação arquivística que esteja registrada e preservada em algum suporte material (SILVA, 2008, p.76)

Com exceção dos daguerreótipos, os materiais fotográficos contemporâneos possuem sempre, em sua estrutura, substâncias higroscópicas de natureza orgânica, seja na camada adesiva ou no suporte (BURGI, 1988). Sendo assim, é preciso ter muita cautela com o meio ambiente onde as fotografias serão mantidas devido à sua composição propiciar fácil infestação de pragas e microorganismos.

Teixeira (2012) recomenda para os acervos fotográficos a reprodução dos originais como medidas de preservação, reduzindo assim o manuseio dos mesmos. Só utilizar lápis 6B caso seja estritamente necessário algum tipo de registro, sempre no verso da imagem. Não usar cliques, grampos, colas, fitas adesivas, etiquetas em nenhum dos lados da fotografia. Apoiar a fotografia na palma da mão, segurando pelas bordas, e de forma nenhuma, inserir os dedos na imagem.

Cada fotografia deve ter uma proteção individual, sendo que o material de proteção da imagem deve ser de papel alcalino ou neutro ou em plástico de alta qualidade. Os negativos e diapositivos também devem

ser acondicionados em invólucros individuais fabricados com materiais especiais. Os filmes a base de nitrato de celulose devem ser acondicionados separadamente por sofrerem combustão espontânea, sendo que os gases gerados no processo de decomposição do nitrato de celulose são nocivas às demais fotografias.

O cheiro característico de ácido acético (similar ao odor de vinagre) é a indicação de que o processo de degradação está presente, sendo necessária a duplicação imediata e medidas que não coloquem o restante do acervo em risco. Já o mobiliário para armazenagem de fotografias deve ser de metal com pintura polimerizada.

Segundo Pavão (1997), várias são os fatores e causas de deterioração do acervo fotográfico:

- Umidade relativa - deve ficar nos índices entre 30 e 45%. A taxa de umidade mais alta atua na emulsão, destruindo a imagem e favorecendo o desenvolvimento de fungos e microorganismos;
- Temperaturas altas, que atuam no suporte e a emulsão que reagem de maneiras distintas, causando rachaduras na imagem, podendo haver uma possível penetração da umidade;
- Poluentes atmosféricos – compostos de enxofre e mercúrio – que atuam reagindo sobre a prata e como resultado aparece uma coloração amarelada;
- Colas ácidas, que causam esmaecimento da imagem quando atingem a prata metálica;
- Ação da luz, quando expostas por períodos prolongados e em excesso, inclusive a luz solar, causam degradações;
- Ação humana, o manuseio de maneira incorreta pode ser nociva para as imagens, causando abrasões e marcas de digitais que deixam engorduradas a superfície da foto;
- Grampos e cliques, que perfuram, deixam marcas e causam oxidação;
- Fitas adesivas deixam resíduos de adesivo além de proporcionarem faltas nas imagens;
- Mobiliário inadequado, como o de madeira que absorvem a umidade, além de atrair cupins, brocas e outros insetos. Os mobiliários de metal devem receber tratamento adequado do fabricante para não oxidarem com o uso.

Para Pavão (2004), as formas de deterioração que ocorrem em fotografias são, em geral, irreversíveis. Mas podem ser estabilizadas. Ele defende que os materiais, ao serem reparados, devem deixar visíveis as marcas desta ação, pois, geralmente, ao resolver um problema criamos outro. A colagem, por exemplo, pode gerar ondulações, oxidação da prata, aumentar o

peso, etc. E as marcas alertam, no futuro, quando não mais formos responsáveis pelo acervo em questão, dos cuidados extras necessários gerados pela intervenção.

4 O Arquivista

O arquivista é o profissional habilitado a pensar em uma política de preservação que leve em conta a seleção de prioridades, como o meio pelo qual a preservação e o acesso à informação se deem de forma mais racional e efetiva (HOLLÓS, 2006).

Apesar de ser uma das responsabilidades dos arquivistas, e objeto de pesquisa na Arquivologia, ainda é escassa na literatura da área, a produção sobre a preservação como função arquivística especificamente. Normalmente, os estudos associam a preservação da informação arquivística à gestão de documentos, à eficácia administrativa ou ao acesso e uso social das informações (SILVA, 2008).

Esta dissociação é observada também na academia. Observando as grades curriculares dos cursos de graduação em Arquivologia do Brasil e a infraestrutura por elas oferecidas, observamos que a conservação preventiva representa uma ainda tímida parcela na formação dos arquivistas brasileiros. E muitos concluem o curso sem nunca ter passado por um laboratório prático de conservação ou, ainda, sem receber o mínimo conhecimento teórico a respeito do material que compõe os documentos que futuramente terão a responsabilidade de preservar.

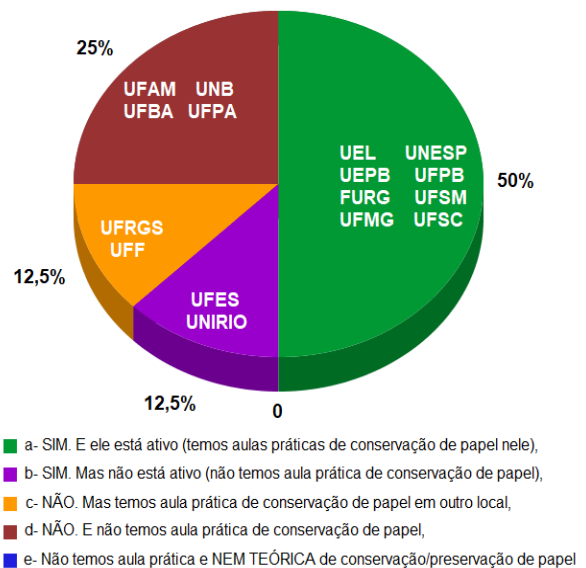
Realizamos um levantamento sobre as condições de formação dos estudantes de Arquivologia do Brasil. Um representante de cada diretório ou centro acadêmico de cada um dos dezesseis cursos de graduação presencial de Arquivologia ativos no Brasil (FURG, UEL, UEPB, UFAM, UFBA, UFES, UFF, UFMG, UFPA, UFPB, UFRGS, UFSC, UFSM, UNB, UNESP, UNIRIO) respondeu, em 18 jul. 2017, à pergunta múltipla escolha: “Seu curso possui laboratório de conservação de papel?”, sendo as 5 opções: a- SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele); b- SIM. Mas não está ativo (não temos aula prática de conservação de papel); c- NÃO. Mas temos aula prática de conservação de papel em outro local; d- NÃO. E não temos aula prática de conservação de papel; e e- Não temos aula prática e NEM TEÓRICA de conservação/preservação de papel.

Oito cursos (FURG, UEL, UEPB, UFMG, UFPB, UFSC, UFSM e UNESP) responderam que possuem laboratório de conservação de papel e ele está ativo; Dois cursos (UNIRIO e UFES) responderam que possuem laboratório de conservação de papel mas ele não está ativo; Dois cursos (UFF e UFRGS) responderam que não possuem laboratório ativo de conservação de papel mas têm aulas práticas em outro local; Quatro cursos (UFAM, UFBA, UFPA e UNB)

responderam que não possuem laboratório de conservação de papel e não recebem aulas práticas de conservação; e nenhum curso respondeu não ter aula prática e nem teórica.

Gráfico 1 - Levantamento sobre a infraestrutura dos cursos de Arquivologia da Brasil

Seu curso possui laboratório de conservação de papel?



Observou-se que apenas metade dos cursos possui laboratório próprio destinado à conservação de documentos e quase 40% dos cursos formam arquivistas sem oferecer aulas práticas de conservação. Formando profissionais despreparados para identificar danos, estabilizar o acervo ou prevenir catástrofes. E, principalmente, profissionais incapazes de planejar e implementar políticas de preservação.

Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) por exemplo, menos de 4% das disciplinas previstas no Projeto Pedagógico do Curso² são voltadas à conservação ou documentos audiovisuais. Sendo que uma delas, Restauração de documentos, não é ofertada há mais de três anos por falta de professor qualificado. Demonstrando o despreparo do egresso com relação à conservação de fotografias. E esta realidade não é muito diferente de outros cursos de Arquivologia do Brasil. Em muitos, as disciplinas exclusivas para arquivos audiovisuais sequer está prevista no Projeto Pedagógico do Curso.

Este cenário reflete-se no mercado de trabalho dificultando o exercício da profissão do Arquivista, que não consegue passar para a gestão institucional a importância de se ter uma política de preservação que

² Versão de 2013 do PPC do curso de Arquivologia da UNIRIO

evite futuros prejuízos econômicos devido a ações legais ou projetos de restauração, dependendo da natureza da instituição.

SILVA (2008) observou que são raros os profissionais oriundos da Arquivologia que atuam no setor de preservação dos arquivos. E estimou que a maioria desses profissionais seja formada em outras áreas do conhecimento, como Museologia, História, Belas Artes, Biblioteconomia, Química etc.

5 Considerações Finais

A fotografia é muito diversificada em origem, composição, formato, suporte e aplicações em relação aos demais documentos. Assim como sua tecnologia de produção, que continua evoluindo e aumentando o conhecimento técnico necessário para tratá-las. Devido ao seu caráter popular, está presente em quase todos os acervos públicos e privados do Brasil. Caracterizando a importância do seu estudo na formação do arquivista.

Os cuidados especiais que a fotografia exige devem ser adotados de acordo com sua natureza. O arquivista deve ser capaz de identificá-la para definir adequadamente o acondicionamento, o mobiliário, a reprodução consciente, os ajustes ambientais que devem ser feitos e, principalmente, convencer a instituição da necessidade de investir em preservação.

O conhecimento técnico acerca da composição do material a ser tratado, e suas características, contribui para que o arquivista tome decisões mais assertivas na definição e planejamento de projetos que atendam o programa definido pela política de preservação institucional. E fornecer este conhecimento ainda na graduação, torna o arquivista um profissional mais completo e competitivo no mercado de trabalho.

É importante incentivar que as universidades façam investimentos em infraestrutura para os cursos de Arquivologia no que diz respeito a laboratórios, bem como incluam essas disciplinas nas matrizes curriculares e incentivem o incremento da produção acadêmica sobre conservação preventiva dentro da área.

Referências

- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário brasileiro de terminologia Arquivística. Rio de Janeiro, 2005.
- BECK, I. O ensino da preservação documental nos cursos de Arquivologia e biblioteconomia: perspectivas para formar um noco profissional. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Convênio UFF/IBICT. Rio de Janeiro, 2006.
- BROWN, Theodore L. et al. Química, A Ciência Central. 9a ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2005.
- BURGI, Sérgio. Introdução à preservação de acervos fotográficos: técnicas, métodos e materiais. 2.ed. Rio de Janeiro, Infoto/Funarte, 1988.
- FELTRE, Ricardo. Química volume 2. São Paulo: Moderna, 2005.
- GARCIA, Carol. História da Fotografia. Viva Rádio, 2012. Disponível em <<https://vivaradio.wordpress.com/2012/03/17/historia-da-fotografia/>> acesso em 19 Jul 2017.
- HOLLÓS, Adriana Cox. Entre o passado e o futuro: Os limites e as possibilidades da preservação documental no Arquivo Nacional do Brasil. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e História. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. 1o Diagnóstico de Rede de Monitoramento de Qualidade do Ar no Brasil. Instituto de Energia e Meio Ambiente. São Paulo, 2014. Disponível em <http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80060/Diagnostico_Rede_de_Monitoramento_da_Qualidade_do_Ar.pdf> acesso em 19 Jul 2017.
- MOSCIARO, Clara. Diagnóstico de conservação em coleções fotográficas. Caderno técnico nº 6. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.
- MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS - Política de Preservação de Acervos Institucionais. MAST/CNPq. Rio de Janeiro, 1995.
- MUSTARDO, Peter. Preservação de fotografias: métodos básicos de salvaguardar suas coleções / Peter Mustardo, Nora Kennedy; [tradução de Olga de Souza Marder; revisão técnica Francisco de Castro Azevedo, Ana Virginia Pinheiro, Dely Bezerra de Miranda Santos; revisão final Cássia Maria Mello da Silva, Lena Brasil]. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.
- PAVÃO, Luis. Conservação de Coleções de Fotografia. 1ª ed. Lisboa: Dinalivro, 1997.
- PAVÃO, Luis. Conservação de fotografia – o essencial. In: Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica. 3ª ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004, p. 6-12.
- SILVA, Sérgio Conde Albite. A preservação da informação arquivística governamental nas políticas públicas do Brasil. Rio de Janeiro: AAB/FAPERJ, 2008.
- SHELLENBERG, Theodore R. Arquivos modernos: princípios e técnicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.
- TEIXEIRA, Lia Canola Conservação preventiva de acervos. Coleção Estudos Museológicos, v.1. Florianópolis: FCC, 2012.
- UFMG. Projeto Pedagógico Do Curso De Arquivologia. 2012. Disponível em <<http://colgradarquivo.eci.ufmg.br/documentos/projeto-pedagogico-do-curso-de-arquivologia>> acesso em 19 out 2017.
- UNIRIO. Projeto Pedagógico Do Curso De Arquivologia . 2012. Disponível em <<http://www.unirio.br/prograd/ppc-dos-cursos-de-graduacao/PPARQUIVOLOGIA2013.pdf>> acesso em 19 out 2017